

LEONARDO E PASCOAES, O FILÓSOFO E O POETA A PROPÓSITO DE S. PAULO

É naturalmente conhecida, de todos os presentes, a trajectória em comum e a trajectória em separado, de Pascoais e Leonardo.

Não será de todo correcto chamar a um poeta e a outro filósofo. Todavia não deixa de ser estranho que dada a amizade e a vida cultural em comum, percorrida pelos dois homens da **Renascença Portuguesa**, advenha a Leonardo tratar expressamente do amigo, muito tarde, numa das suas obras. Na verdade o comentário a S. Paulo de Pacoais aparece em 1934. Cronologicamente é a obra anterior a **A Rússia de hoje e o Homem de sempre**, dada à estampa em 1935 e que representa, quanto a nós, no conjunto da obra do autor do **Criacionismo** o repouso no Humanismo cristão, como culminar ascendente de toda uma obra, que tem muito de biográfico.

Pascoais foi um “um monge por espontânea inclinação de artista, incompatível com os aspectos grosseiros da sociedade”¹, frase que aplicou a S. Jerónimo, talvez em nome pessoal.

Talvez valha a pena insistir que o poeta do *Maranus*, acredita na superioridade da visão poética sobre a científica, aceitando de bom grado que as musas “odeiam a Razão, velhota empertigada e científica e o seu calvo e nédio esposo que dá pelo nome de Bom Senso. Odeiam a ciência e a calvície, duas irmãs filhas do mesmo esqueleto ressequido”²

¹ Teixeira de Pascoais, **S. Jerónimo e a Trovoada**, (Lisboa, Assírio e Alvim 1992) 17.

² Id., **O Homem Universal**; Lisboa (Assírio e Alvim, 1993) 157.

E no mesmo **Homem Universal**, confessa Pascoais, aquela que é talvez a sua tese de fundo, a saber, “que em primeira e última análise o universo é de natureza espiritual”.³

Alérgico a sistemas, Pascoais parece, pois, colocar-se naquele grupo de poetas e escritores que Heidegger mais tarde tematizou, com maior credibilidade, ao comentar os poemas de Hölderlin, segundo os quais a natureza do homem era habitar em poeta.⁴

Passando por cima de barreiras metodológicas, Pascoais afirmará, nesta linha, que a “Filosofia é Religião, como a Biologia é Teologia”.⁵

De seu *S. Paulo*, dirá Pascoais que o agrediram crentes e não crentes,⁶. Talvez tenha sido assim. Certo é que Sant’Ana Dionísio lhe chama teólogo agnóstico e Jacinto Prado Coelho fala dum “agnosticismo que vigia ironicamente a sua demanda de Absoluto”.⁷

O termo agnosticismo aplicado assim a Pascoais, parece-nos de duvidoso conteúdo. Mais do que teísta ou agnóstico, talvez Pascoais, busque apenas na vida dos santos – Sto. Agostinho, S. Jerónimo ou S. Paulo – a confluência de horizontes que caracterizam o homem universal, ou o consenso de Jesus e Pã, que representam uma nova universalidade do humano, apesar ou quaisquer que sejam as encarnações da espiritualidade ou da confissão dogmática.

Na verdade o poeta confessa um dia, sem grandes inibições que o problema religioso, está bem para lá da suas designações categoriais: “Todos nós, escreve, ante o problema religioso, *o único problema*, tomamos várias atitudes. Somos católicos, cristãos, heresiarcas, ateus inconformáveis e ateus contentes e orgulhosos, à Nietzsche, os super-homens da Negação, os heróis do Nada”.⁸

³ Ibid. 173.

⁴ Martin Heidegger, **Essais et Conférences**, (Paris 1958) 224.

⁵ **O Homem Universal**, 12.

⁶ Ibid., 17

⁷ **Dicionário de Literatura**, dir. de J. Prado Coelho, II vol. (Barcelos 1969) 796-797.

⁸ Ibid., 127.

É este mesmo horizonte da religião acima das religiões que está patente em **Duplo Passeio**, quando escreve: “Há quem descreia; dum mundo religioso e há quem acredite irreligiosamente. Mas o descrente religioso é hoje o tipo humano superior, o único representante duma concepção poética da vida” ⁹.

Como escreverá ainda, não odiava o Catolicismo, nem nenhuma religião. Porque todas as religiões “representam formas mais ou menos imperfeitas duma viva tendência eterna e superior da alma humana” ¹⁰

Será difícil escolher ao ler a obra de Pascoais, entre o teólogo da poesia ou um poeta da Teologia. Optamos pela primeira tendo em conta que, segundo Heidegger, a poesia é ontologia na medida em que apreende o real fora das categorias do Ser, surpreendendo o próprio ser, na sua força genésica e primordial.

Outro, era o caminho de Leonardo.

Concordamos com um dos melhores conhecedores de Leonardo, o seu discípulo:

- José Marinho quando escreve. “Leonardo ultrapassa o saber abstracto, o saber acerca de, aquele que ingénuo ou parcial, não remedeia a essencial e também natural cisão do ser e do conhecimento.” ¹¹

De facto assim é e por isso Leonardo concorda com Pascoais afirmando a religião como relação, coisa que aprendera sobretudo, cremos, com Bergson, de que Leonardo era leitor atento e mesmo comentador; mas trata-se duma relação em que “um estranho hóspede é reconhecido como único e autêntico dono de casa” ¹²

Leonardo não é um racionalista que colocasse a descoberta de Deus no termo duma dialéctica do conhecimento. Antes implica a sua aparição no sujeito que se predispõe a receber o hóspede.

⁹ Teixeira de Pascoais, **Duplo Passeio**, em **Obras Completas**, (Lisboa, Bertrand) 151.

¹⁰ Cf. **A Saudade e o saudosismo**, (Lisboa, Assírio e Alvim 1988) p.180.

¹¹ José Marinho, **O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos**, em **Obras de José Marinho**, vol. IV, INCM, 2001, 200.

¹² **Obras de Leonardo Coimbra**, II, Porto, Lello 1983, 962.

Leonardo que demorou muito tempo a bater às portas do Catolicismo antes de entrar, reconhece que o poeta atinge Cristo, mas não o Cristo histórico, que esse sim é o verdadeiro e concreto hóspede. Afirmando que a descoberta do Cristo histórico, certo ponto de partida de Leonardo para a Revelação, exigiria uma “compreensão da natureza e do mal, contra a qual de novo protestam as novas amizades do Poeta”. Pois é na “história que reside a maior dificuldade da aceitação de Cristo integral.”

O árduo caminho que Leonardo percorre desde o idealismo criacionista ao realismo cristão e que vai sobretudo de 1923, data da publicação de **Jesus**, até à ultrapassagem da Filosofia de Bergson, parece no **S. Paulo**, obra tardia, já conseguido.

A posição de Leonardo é realista num sentido que o mesmo autor precisa ao escrever: “É o eternismo impossível dos que não querem este mundo - que não é de querer – por insuficiente e sem sentido, que leva a explicações, no fundo mais ou menos platónicas de fuga, de degredo, de negação lúdica, schopenhaueriana ou hegeliana, todos os que não recebem abertamente, o louco, o irracional, (no sentido paulino de incomensurável com a experiência humana) Facto de Cristo”.¹³

A centralidade da história de Jesus para o sentido da religião é fundamental para Leonardo e nisso manifesta-se um pensador extremamente moderno, longe da Apologética que o colocava nos confins do racionalismo. E esta centralidade da história para o reconhecimento, não a encontra Leonardo em Pascoais. Por isso escreve: “E o poeta sobe até Deus. Mas Deus é inacessível se não é o Deus vivo do Universo e da História. O poeta atinge Cristo... mas o Cristo histórico exige uma compreensão da natureza e do mal, contra a qual de novo se levantam as cósmicas amizades do poeta”.¹⁴

Leonardo compreende que para o Poeta é “na história que se encontra a maior dificuldade de aceitação do Cristo integral; como é na história que, levantadas as dificuldades, brilha como luz única a triunfal verdade do Cristianismo”.¹⁵

¹³ Cit. 972.

¹⁴ Ibid., 968.

¹⁵ Ibid., 969: Sobre a importância da descoberta de Cristo histórico para a evolução de Leonardo, cf. Arnaldo de Pinho, **Leonardo Coimbra, Biografia e Teologia** (Porto, 2000) 129 e s..

Na verdade “o mundo físico isolado é sucessão de fenómenos, o mundo inteligível é o fundamento estático das ideias.” (...) E “tomar consciência da história é pois encontrar o abraço do eterno e do tempo, seja o acontecimento humano em que Deus é presente. O centro da história, a origem das coordenadas históricas é Cristo”.¹⁶

E Leonardo vai mais longe: “A temporalização, para aprofundar a profunda linguagem de Heidegger, cristã, é a que dá sentido a todas as outras, formas de Tempo-abstractos longínquos de realidade, subordinados à Realidade-Origem.”¹⁷

A percepção de Leonardo do pensamento de Pascoais, retoma a base de argumentação do gnosticismo, nos séculos primeiros da Igreja. Os apologetas opunham ao gnosticismo, a inclusão do pensamento pagão no pensamento católico. Todavia a classificação de Pascoais como gnóstico, deve a nosso ver ser vista com cuidado. Efectivamente o género poesia deve ser tido em conta quando analisamos ou comparamos Pascoais e Leonardo Coimbra.

Leonardo é pensador, Pascoais poeta. Os dois privilegiam a religião como relação e por conseguinte dão muita importância à via mística. Pascoais capta o fenómeno religioso – tanto em Agostinho, como Jerónimo ou Paulo, na sua origem, Leonardo não prescinde dos pressupostos da Filosofia. Todavia esses pressupostos da Filosofia não levam Leonardo nem à Apologética nem ao Racionalismo.

Leonardo chega a Deus pela relação entre temporal e eterno aberto em Cristo, Pascoais pelo fulgor do ser manifestado nesses homens universais, para quem o religioso era uma relação com a divindade.

Arnaldo de Pinho

¹⁶ Obras, cit., 971.

¹⁷ Ibid., 972.

